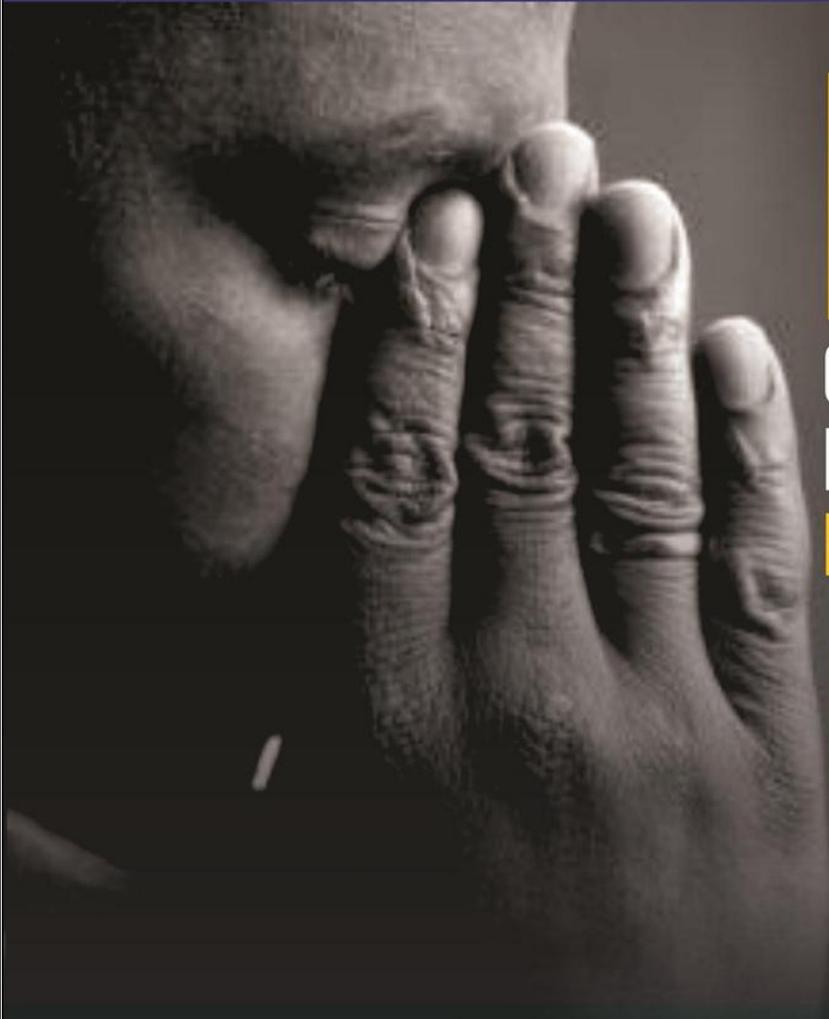


REVISTA REDAÇÃO

26/04/2015 - Ed. 15



HOJE, O HOMEM SOFRE MAIS QUE A MULHER? NEUROSE MASCULINA

PAUL KARDOUS

O falo será o representante masculino por excelência na concepção psicanalítica. É ele que regulará e ordenará a estrutura neurótica como um todo



Lucas Rocha

// A crise mexe com a cabeça do brasileiro

CILENE PEREIRA e FABIOLA PEREZ

Cresce o número de pessoas que procuram ajuda para tratar sintomas de ansiedade e de depressão causados por problemas como o desemprego, a dificuldade para pagar dívidas e a falta de confiança no futuro do País

// Prisão fora dos muros, uma solução esquecida

SARAH PERRUSSEL e LEAH DUCRÉ

Na França, há quinze anos o cumprimento externo da pena permite que condenados em final de sentença vivam e trabalhem fora da prisão. Sem suspender a condição de detento, ele prepara o regresso à liberdade.

Hoje, o homem sofre mais que a mulher? A neurose do homem (PAUL KARDOUS)

O falo será o representante masculino por excelência na concepção psicanalítica. É ele que regulará e ordenará a estrutura neurótica como um todo



COM A pressão do Iluminismo no final do século XIX, diversos estudiosos e artistas começaram a questionar sob outro ângulo o "que é o ser humano?" Durante centenas de anos, a Igreja judaica cristã ditava o saber sobre o que é o "ser" em todas as esferas da vida. Não só o ser humano, mas todos os seres do universo. Com esse saber em mãos, eles procuravam regular a vida de acordo com a ideologia vigente da época, que variava bastante quanto aos meios para garantir que os fiéis seguissem fielmente seus preceitos, reforçando a crença supersticiosa de que há um Deus que criou tudo.

Insatisfeitos com essa resposta religiosa sobre a vida dos seres, os pensadores daquela época imprimiram um ritmo cada vez mais forte de sustentação das explicações sobre a origem do "ser", o que causou uma relativa ruptura com a primazia do saber religioso. Entre esses pensadores existiram várias correntes, dentre as quais a Psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, que a inventou como um método de investigação e cura.

Ao iniciar suas investigações sobre a causa e formação dos sintomas histéricos, Freud logo se dá conta de que a histeria é uma forma de se posicionar frente à linguagem, e não é exclusiva das mulheres. Escandaliza e causa grande repúdio por descobrir que também os homens podem ser histéricos. Mas o escândalo, quanto a esse assunto, ainda não tinha chegado ao seu ápice. Freud afirma que as mulheres histéricas desejam inconscientemente ser providas do atributo masculino, o falo. Com isso, arranca a histeria das mulheres e a posiciona como uma estrutura que demanda o ser masculino. Tal ponto de vista jamais foi abandonado por Freud, apesar de ter sofrido grandes pressões por parte de outros campos, a Medicina, a Filosofia, e também dos próprios psicanalistas que o acompanharam, sobretudo das psicanalistas mulheres.



Freud afirma que as mulheres histéricas desejam inconscientemente ser providas do atributo masculino, o falo, posicionando a histeria como uma estrutura masculina

A partir desta concepção, o falo será o representante masculino para a Psicanálise, é ele que regulará a estrutura neurótica como um todo. As variações no entendimento a respeito do falo foram sempre alvo de debates entre os psicanalistas. Mas há um consenso quanto à afirmação de Freud, de que o pênis não é o falo, apesar de que, quando ereto, seja o melhor representante no corpo humano. Para ele, o falo não é o órgão, é a ausência operante, é ter ou não ter o falo. A perda fálica se recupera no esvanecimento do furo do ser, isso é necessário na vivência do masculino e é o que o faz cotejar o gozo da volta da pequena morte, o orgasmo. Essa função de perda fálica, própria do masculino, lhe dá a prerrogativa, de onde vem a ilusão da pura subjetividade, de que seu corpo está marcado pelo significante. É neste momento evanescente, quando se perde a ereção, ou seja, quando o instrumento cai, que o homem e a mulher vivenciam a castração e a assunção do falo, como elemento terceiro da relação do casal.

As concepções de Freud e de Lacan a respeito do masculino são todas centradas no falocentrismo, no complexo de Édipo e no complexo de castração

Pai real e pai simbólico

Freud destaca a diferença entre o menino e a menina e suas relações com a mãe, e conclui que o verdadeiro incesto é entre o menino e a mãe. Também enfatiza que há diferenças entre os sexos no tocante ao complexo de Édipo, pois o varão não necessita trocar de objeto para elaborá-lo, uma vez que coincide o objeto que erotizou seu corpo através dos cuidados maternos com o objeto do seu desejo. Ao mesmo tempo em que irá eleger a escolha de objeto, faz a escolha identificatória com o seu próprio sexo. Escolha de objeto apoiado na mãe e escolha identificatória apoiada no pai decorrente do complexo de castração, eis a fórmula do desejo heterossexual masculino. Conquistar a ascensão da posição viril masculina implica necessariamente assumir a castração. Isso se dá por uma relação do real no simbólico, que vem do outro, aquele que é verdadeiramente o pai.

O Édipo enoda a função viril e, para tanto, é necessário haver um mais além do pai simbólico, a presença do pai real, aquele que trepa com a mãe, esse é imprescindível. O pai real que permite o complexo de castração simbólico, que cumpre a função de ameaçar, ao mesmo tempo em que dá amor e permite a aproximação do filho para com ele. O macho tem o órgão natural e por isso o detém como sua propriedade. Porém sua virilidade virá do outro, nesta relação entre o pai real e o pai simbólico. Portanto, o homem não poderá dizer nada do que significa na verdade ser pai, porque parte desse é da ordem do real, e o único saber que ele tem é que fez parte desse jogo entre a mãe e o filho varão. Somente o jogo de perdas e ganhos entre os três permitirá à criança conquistar a via pela qual se registra a inscrição da lei, dizia Lacan parafraseando Freud.



A Psicanálise freudiana destaca a diferença entre o menino e a menina e suas relações com a mãe, já que conclui que o verdadeiro incesto é entre o menino e a mãe

relação mãe-bebê tem uma ligação direta com o Ideal do Eu. O Édipo não tem outro sentido. Não há Édipo se não há pai simbólico, real e imaginário!

Do desejo à identificação

Estas duas escolhas, de objeto de desejo e de identificação, se dão num golpe só e merecem esclarecimentos, já que não se dão de forma natural, nem tampouco são decorrentes da demanda da cultura, através da classificação dos gêneros, e muito menos são subordinadas à anatomia sexual.

Freud encontra os elementos para discutir a prevalência de um movimento gerado por uma posição singular de cada um na conquista de sua posição sexual, muitas vezes contrariando a influência exercida pela cultura e pela anatomia. A eleição sexual, segundo Freud, não se dá no nível consciente e sim inconsciente, ele acrescenta que é uma eleição forçada e determinada pelo inconsciente. Com esse esclarecimento, Freud retirou completamente a possibilidade de ações pedagógicas e preventivas para desenvolver uma coerência entre o sexo anatômico, o gênero e a posição sexual inconsciente. Ele afirma que não há harmonia natural entre essas três faces da sexualidade humana. Mas isso não o faz descartar a influência da anatomia e do gênero, até mesmo como fatores que podem causar certo desconforto com a posição sexual inconsciente, por testemunharem uma desarmonia entre as três.

A eleição sexual, segundo Freud, não se dá no nível consciente e sim inconsciente. É uma eleição forçada e determinada pelo inconsciente

Sempre temos que considerar a questão do gênero, uma vez que esse significa os ideais da cultura que se transformam para o sujeito que está constituindo o seu Eu nas demandas do Outro, ou seja, o que o Outro deseja dele para que ele continue a ser amado e não odiado por este Outro? Nessa medida, levar em conta as questões que envolvem a identidade de gênero é sempre importante, não para adequar o sujeito ao que a cultura espera dele, mas para que o sujeito possa saber minimamente o que esperam dele e com isso poder se posicionar no sentido de separar a singularidade dele da universalidade do gênero.

Variações no entendimento a respeito do falo foram sempre alvo de debates entre os psicanalistas

Desconsiderar os fatores anatômicos não é um bom caminho para pensarmos na constituição da sexualidade. Existem fatores milenares que estão em ação e em mutação permanente, que não podem ser colocados de lado. Por exemplo, a pesquisadora de cromossomos sexuais Jennifer Graves, da Universidade Nacional da Austrália, disse que o cromossomo Y - responsável pela determinação do sexo no homem - está morrendo e deve desaparecer nos próximos cinco milhões de anos. E o que acontecerá depois? A cientista disse que a boa notícia é que algumas espécies de roedores - como algumas ratazanas da Europa do leste e ratos do Japão - não possuem nem cromossomo Y nem o gene SRY. O que isso nos mostra? Será que os fatores fenótipos estão modificando os homens ao longo dos anos? Sabemos que alterações afetivas e emocionais podem mudar sensivelmente, por exemplo, os níveis de hormônio masculino, a testosterona. Sabemos também que não somos uma máquina que quando fica velha joga-se fora e coloca-se outra no lugar.

PARA SABER MAIS - DESEJO SIGNIFICANTE



O macho tem o órgão natural e por isso o detém como de sua propriedade. Porém sua virilidade virá do outro nesta relação entre o pai real e o pai simbólico

A questão do masculino não se esgotará no desejo como efeito maior do significante. Lacan procurou respostas sobre o gozo fálico masculino e feminino nos quantificadores lógicos de Aristóteles, e nos desdobramentos de Frege e Pierce, já que entende que a lógica é a ciência do real.

A inscrição da castração será determinante no campo do ser para determinar a noção de gozo. Até então, estávamos tratando do campo do sujeito nos desfiladeiros dos significantes e a incidência da castração simbólica sobre o desejo e não sobre o ser. Agora iremos mergulhar no que a Psicanálise pôde até então elaborar do masculino no campo do ser. Ou seja, o que é o ser masculino? Para se afirmar que há um ser masculino, Lacan propõe que há de haver uma negação forclusiva, e não uma negação discordancial. A negação forclusiva segue o princípio da contradição, e corresponde a ou é masculino, ou é feminino. A negação discordancial aceita a contradição, portanto abre um campo de indeterminação, pode ser homem e ser mulher numa mesma proposição. No campo do masculino, sabe-se que ser homem é não ser mulher e o inverso não é verdadeiro. Ser mulher não quer dizer que não seja homem, é isso que nos ensina a negação discordancial. A lógica do homem funciona desde a negação forclusiva, e daí é que se pode extrair o verdadeiro sentido do conhecimento, que quando um homem trepa com uma mulher, ele pode dizer que a conhece, ou seja, a cama é a hora da verdade para um homem, é na cama que ele conhece uma mulher ou na psicose encontra a mulher.

O ser masculino, o gozo fálico masculino, dependerá de que ao menos Um não tenha satisfeito a função fálica, ou seja, não ser castrado, há uma negação a se submeter à castração, isso quer dizer que uma porção do gozo não sofrerá a castração. Isso feito, num mesmo golpe escreve-se o Um fálico, Um do gozo fálico. Assim, essa inscrição da negação forclusiva se deu acidentalmente, possibilitando escrever o Um do gozo fálico como necessário, tomando a forma masculina, e assim podemos dizer que o gozo fálico no masculino é diferente do gozo fálico no feminino.

Tendo esses elementos em vista, podemos acompanhar Lacan na sua tentativa de encontrar uma resposta de como se dá o encontro na cama. Daí suas ironias a respeito do que é ser um homem, ao afirmar que esse só encontra a mulher na psicose, na melhor das hipóteses na loucura, e o cômico do amor entre os dois é que para amá-la ele precisa se fazer mulher naquele encontro, ao mesmo tempo, para desejá-la, ele não pode prescindir de seu instrumento ereto, na posição de homem. Assim, na cama, a fenomenologia nos ensina como o significante é o efeito maior do desejo e causa do gozo. No caso do gozo fálico no masculino, temos que a castração irá incidir na detumescência, fazendo surgir, no momento máximo do gozo do macho, sua própria queda; isso nos explica a relação no macho da angústia com o orgasmo. A perda da ereção como perda fálica se reativa sempre como desvanecimento do furo do Ser, essa experiência masculina possibilita comparar o gozo fálico à pequena morte. Essa função de desaparecimento efêmero, diretamente saboreada no gozo fálico do masculino, dá ao macho o benefício da ilusão de pura

subjetividade, já que a sua ereção é causada pelo que a mulher representa para ele. É no instante mesmo do desaparecimento da tumescência que o homem pode perder de vista a presença deste terceiro, o objeto, o falo, e é porque o seu instrumento desaparece é que passa a ser, enquanto marca de uma ausência, o terceiro da relação com a parceira.

Conquistar o signo da posição viril masculina implica necessariamente a castração



O pai simbólico é que mediará o desmame primário que separará o bebê do incesto com a mãe e conseqüentemente intervirá sobre sua onipotência

Logo, o desconforto revela-se pelas exigências que o ser humano sofrerá por parte dos ideais dos pais que representarão, as demandas e os ideais sociais, e, por outro lado, a limitação que os desejos sexuais sofrerão por não estarem em conformidade à sua anatomia. Por exemplo: como integrar simbolicamente a identidade sexual em mulheres que se submeteram a transformação de sexo? É que do ponto de vista orgânico, ela se tornou ele, mas ainda tem orgasmos em platô de acordo com a anatomia da mulher e não em ápice como no caso do homem?

Assim, para Freud, o homem se constituirá se o complexo de castração incidir de tal maneira que o faça abandonar o prazer incestuoso com a mãe, causa do seu desejo, promovendo uma substituição por outra mulher, e ao mesmo tempo o faça se identificar com o pai. Portanto, o complexo de Édipo, na cultura ocidental, tem a função de ser o portador do complexo de castração, que introduzirá a lei universal da proibição do incesto, declinando do complexo de Édipo no menino.

Para Freud e Lacan, o complexo de Édipo permite que o desejo tome a forma de desejo masculino na heterossexualidade. Lacan diz que para existir um homem é preciso que este tenha uma mãe, e o seu desejo seja orientado a partir da castração.

Portanto, as evidências clínicas mostram que no inconsciente não há homem e mulher, só existe o fálico e o castrado. Homem e mulher já são representantes que fazem parte do discurso. Lacanianamente falando são significantes. Significantes que tentam representar uma posição de gozo fálico para o masculino ou para o feminino.



Ter ou não ter...

Com a pressão em responder o que "as mulheres querem", Lacan reduz sua questão a "o que uma mulher quer" - isso lhe permitiu deslocar o ter ou não ter o falo para tê-lo e ser o falo. Daí que dirá que o desejo masculino dependerá de renunciar ser o falo para poder tê-lo. Ter ou não ter, ou ter ou ser o falo são maneiras de conceber essa questão a partir da linguagem.



Sempre temos que considerar a questão do gênero, uma vez que esse significa os ideais da cultura que se transformam para o sujeito que está constituindo o seu Eu nas demandas do Outro

Separação ou união

Lacan lança-se a encontrar respostas para tal questão na topologia dos nós borromeanos. A pergunta de Lacan já é um nó! Qual será o bom nó entre os corpos? Qual será o nó que permite engatar os Uns de cada Um e fazer Nós? Como, na experiência masculina, o gozo fálico pode não ser um inibidor, um obstáculo para o homem poder gozar do corpo da mulher?

A experiência dos relatos de analisantes nos ensina que, numa certa dimensão humana, há possibilidade de bons encontros e esses são marcados por uma separação dos Uns de cada Um, que ninguém é de ninguém, teoricamente: não há Outro do Outro, e que, sobretudo, numa experiência satisfatória dessa magnitude, o falo, como significado do desejo que tem o gozo como sua causa, não é de nenhum dos Uns, muito menos dos dois, mas é instrumento de engate dos corpos de cada Um, fazendo que Um corpo penetre o outro e ambos tenham uma experiência de encontro dos Uns de cada Um.

Assim, o falo como significado do desejo, encarnado no pênis ereto, não é dele, uma vez que o que o produziu foi a mulher como causa de seu desejo, ou seja, como sintoma do homem, como condensadora de seu gozo. O pênis ereto elevado ao significante fálico representa o terceiro que está mediando a relação. É isso que proporciona a separação e união ao mesmo tempo do Um, do objeto causa do desejo e do Outro.

As evidências clínicas mostram que no inconsciente não há homem e mulher, só existe o fálico e o castrado

É claro que para ser homem tem que ter o registro do simbólico operando, e é por esse fato que é possível construir um significante novo com o qual o Eu se identificará como homem, já que a designação de homem é um significante que não é da ordem do natural, do gênero e sim da linguagem. Essa será a condição do desejo e do gozo para ele, uma vez que a estrutura da linguagem permitirá enquadrar o seu desejo, enquanto sujeito dividido pelo significante, e o seu gozo, enquanto objeto da pulsão na fantasia, dando um colorido de objeto causa do desejo à mulher.

Mas o fato de o homem ter um simbólico não o faz deixar de girar em círculos, pois sua estrutura é tórica. Para ele nada é impossível, o que ele não consegue fazer, ele larga. No que tange ao amor, o homem, todo-homem, se agarra no imaginário, sem um dizer sobre a verdade, já que seu gozo lhe é suficiente, esse gozo recobre tudo que ele precisa para amar, por isso não entende nada sobre o amor, diferentemente do feminino que não vai sem um dizer da verdade. Portanto, no amor o homem se apoia no imaginário enquanto a mulher no simbólico, daí que Freud diz que o homem precisa amar e a mulher precisa ser amada.

Desse modo, podemos avançar no que é possível que um homem saiba. Espera-se que ele, o todo-homem, desde que assumida a castração, saiba fazer de uma mulher o seu sintoma, saiba se virar com ela e manusear sua relação.

REFERÊNCIAS:

FERENCZI, S. A pipa, símbolo de ereção. In: Obras completas II

_____. **Parestesias da região genital em certos casos de impotência.**

FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera amorosa. Obras Completas. Imago Editora.

KARDOUS, P. A Impotência Sexual: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Editora Casa do Psicólogo.

STECKEL, W. La Impotencia en el Hombre. Ediciones Imán.

PAUL KARDOUS é psicanalista, psicólogo, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. cursou Psicologia Clínica e Psicopatologia na Paris V Sorbonne. Atuou como professor de Psicologia do Usuário e de Comunicação e Semiótica na FAAP. Professor convidado da PUC no Cogea. É membro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano. Autor do livro *Impotência Sexual: o Real, o Simbólico e o Imaginário* (Casa do Psicólogo). Coautor do livro *Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura*, organizado por Lucia Santaella e Fani Hisgail (Editora Iluminuras). **Revista PSIQUE, Abril de 2015.**

Da natureza das coisas (LUIZ FELIPE PONDÉ)

EM NOSSO mundo, não há natureza das coisas, entende-se que tudo seja uma construção social. Delírio puro. Prefiro os antigos, justamente por perceberem que são os limites que nos humanizam, e não o desejo sem limites. Os inteligentinhos dirão coisas como "conservador!". Mas a vida segue, o mundo se acabará um dia, e os inteligentinhos dirão, em seu último grito de agonia, "opressão!".

Mas não quero falar de política, que trato apenas como quem lida com uma ferida para que ela não se infeccione em demasia. Quero falar de epicurismo. Não a ideia banal de epicurista como alguém que vai muito ao shopping ou come todas as gostosas do mundo (o sonho de qualquer cara normal). Falo do epicurismo antigo, do filósofo grego Epicuro (341 a.C. - 270 a.C.). De Lucrécio (cerca de 96 a.C. - cerca de 55 a.C.), filósofo latino, autor do poema "Da Natureza das Coisas". Para ambos, a natureza da realidade é ser contingente. Isso quer dizer que "o fundo da realidade" é o acaso (que é a mesma coisa que contingência em filosofia).

Esse acaso é o movimento livre e sem ordem dos átomos. Portanto, tanto Epicuro quanto Lucrécio eram atomistas, o que é a mesma coisa de dizer que eram materialistas. A alma, esse "ar", se perde no momento da morte. Como dizia Epicuro, quando eu estou, a morte não está, quando ela está, não estou. Ou seja: não há o que temer na morte porque ela é uma libertação da eterna contingência que move um destino cego. E a melhor coisa nisso é que a "consciência" desaparece. Essa ideia me parece insuperável como liberdade. Ter a pedra como destino é meu sonho de eternidade.

Sendo assim, morreu, acabou. Muita gente teme uma possibilidade como essa. Eu tendo a achá-la sedutora principalmente quando suspeito que viver para sempre seria como ser obrigado a beber água para sempre, mesmo tendo passado a sede. Vejo beleza nisso tudo. A contingência liberta, mas não no sentido moderninho de que por isso podemos nos "inventar" ao bel prazer. Isso é coisa de "teenager".

Mas, justamente o contrário: meu desejo também é contingente, como tudo mais. Dar asas a ele é ter fé de que eu, diferentemente do resto do universo, não sou também feito à semelhança do acaso. Só os iniciantes confiam em si próprios. Meu desejo é a porta de entrada por onde a contingência se instala do seio da minha alma. Não, a beleza está no que os antigos epicuristas viam nessa condição: sem deuses, sem eternidade, fruto do acaso, essa é a natureza das coisas, ser cega.

O prazer de Epicuro era justamente o de escapar da escravidão do desejo, não essa ideia contemporânea de que viver a realização contínua do desejo é a felicidade. A concepção contemporânea de felicidade é brega, coisa de gente que se emociona quando um novo shopping é aberto na cidade. Lucrécio entendia que a cegueira da natureza é a natureza das coisas. É dela não carregar sentido em si mesma, e por isso é tão importante: porque me lembra continuamente que a vaidade e as expectativas, com o tempo, se tornam um tormento. Não é totalmente absurdo escutarmos aqui o sábio israelita, também antigo, que escreveu o "Eclesiastes" (Velho Testamento): "vaidade, tudo é vaidade".

A grande questão é como se sustenta uma vida feliz decorrente dessa natureza das coisas. Podemos dizer que decorre, antes de tudo, do "relaxamento" do desejo que a consciência da contingência traz: a sabedoria da natureza é ela ser puro átomo e não uma lei. Não há "missão" na vida. Viver segundo os prazeres do trabalho, da mesa e do corpo da mulher é tudo que podemos fazer. O puro prazer de existir.

Sem excessos, do contrário, nos tornamos escravos do trabalho, da mesa e do corpo da mulher. Não porque uma danação eterna nos espera (ninguém nos vigia), mas porque o excesso do desejo destrói seu próprio usufruto na medida em que nos desesperamos com a possível falta do objeto desse desejo. Dito de forma simples: não queira pegar todas as mulheres do mundo, mas cuide bem daquelas que, por graça da contingência, vierem a sua cama.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, nihilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

A crise mexe com a cabeça do brasileiro (CILENE PEREIRA e FABÍOLA PEREZ)

Cresce o número de pessoas que procuram ajuda para tratar sintomas de ansiedade e de depressão causados por problemas como o desemprego, a dificuldade para pagar dívidas e a falta de confiança no futuro do País

O BRASILEIRO anda vivendo dias difíceis. No trabalho, a pressão por bons resultados é intensa e a ameaça de perda do emprego, constante. Quem foi demitido sofre a angústia de tentar se recolocar profissionalmente e se deparar com portas cada vez mais fechadas. Nos jornais, a avalanche de más notícias econômicas e políticas desenha um cenário asfíxiante, de perspectivas pouco animadoras para os próximos meses. Uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria captou em números a sensação da maioria da população: o medo do desemprego cresceu 32% de dezembro a março e o Índice de Satisfação com a Vida caiu 8% em relação a dezembro. É o menor índice da série histórica.



ESPERA O designer Julio César Caporale Filho, 26 anos, foi demitido em dezembro de 2014. "Já estava esperando por isso porque acompanho o mercado e estamos num momento ruim", diz. A espera até a demissão e, agora, por uma recolocação, deixaram Julio César ainda mais ansioso. "Sempre fui muito ansioso, mas fiquei um pouco mais quando soube que seria demitido", fala o rapaz, que conta o auxílio da terapia para lidar com os sintomas.

OS 10 SINAIS DE QUE A CRISE ESTÁ FAZENDO VOCÊ SOFRER DE

ANSIEDADE

Há vários episódios de respiração acelerada ou de falta de ar

Taquicardia (coração bate mais rápido do que o normal)

As mãos ficam frias

Náuseas

Palidez

Tremores

Irritabilidade

Dificuldade para se concentrar

Sensação de que o corpo está em permanente prontidão para enfrentar alguma ameaça

Cansaço

DEPRESSÃO

Alterações de humor, como sentir-se triste ou desanimado

Perder o interesse por atividades que antes traziam alegria. Inclui ações na área pessoal, como o sexo, e/ou profissional, como abandonar um projeto

Insônia

Perda ou aumento do apetite

Modificação do peso (para baixo ou para cima)

Dificuldade para se concentrar

Cansaço permanente

Apatia

Sentimento de inutilidade

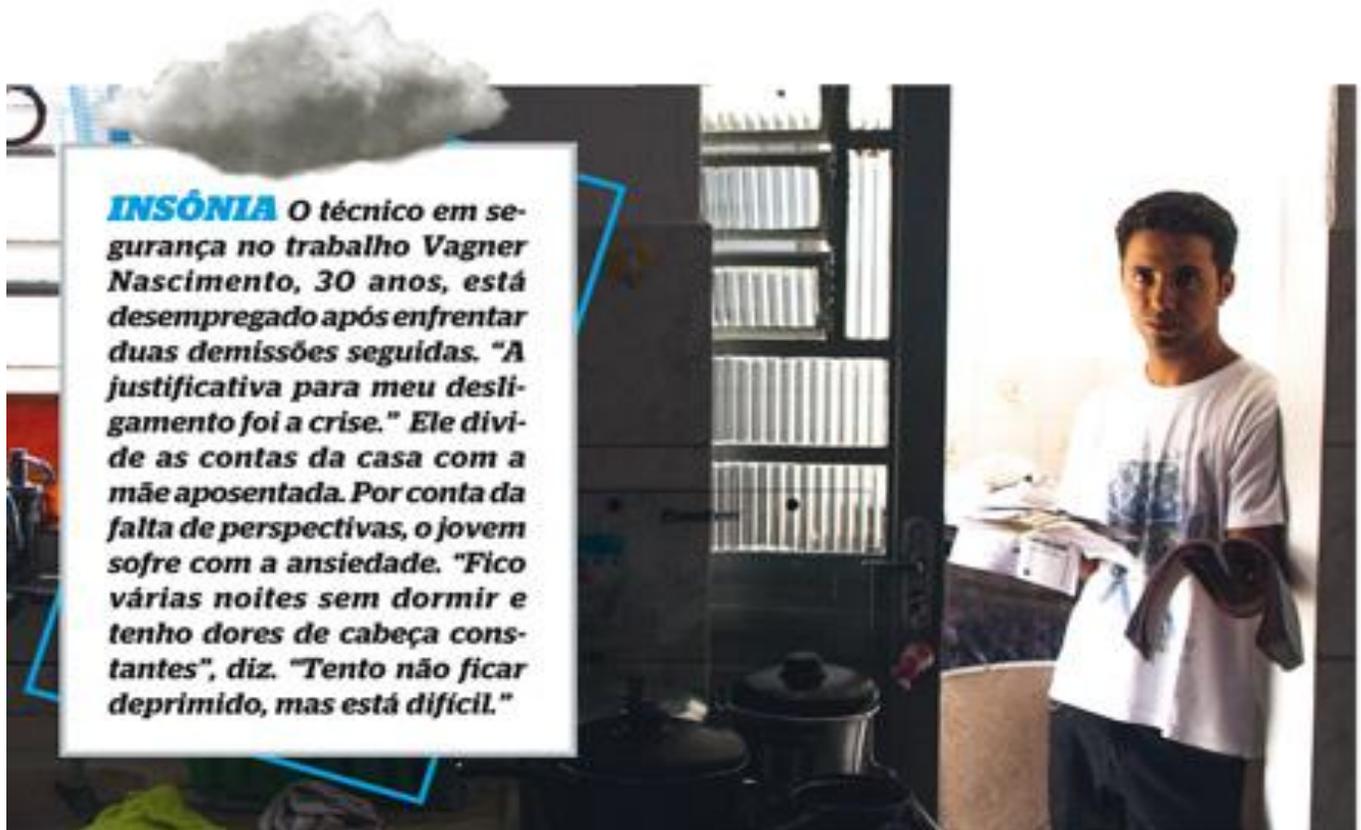
Ideias suicidas



Essa atmosfera tão pesada começa a produzir repercussões na saúde mental dos brasileiros. Nos consultórios médicos, os últimos meses têm sido marcados pelo aumento no número de pessoas em busca de ajuda para lidar com sintomas de ansiedade e de depressão desencadeados pelas incertezas e aflições da crise que vive o País. "Só tinha visto algo parecido logo depois do 11 de setembro", afirma o psiquiatra carioca Leonardo Gama Filho, que atende em sua clínica no Rio de Janeiro desde 1992. "O total de pessoas com queixas relacionadas à situação atual se elevou exponencialmente", diz. Também no Rio de Janeiro, a psiquiatra Rita Jardim contabiliza maior busca por auxílio, inclusive no serviço público. "Desde o início do ano passei a atender no mínimo 16 pacientes por dia. Antes, eram 12", conta a médica, que atende no Hospital Psiquiátrico Municipal Jurandyr Manfredini. A psicóloga Ana Maria Rossi, presidente da seção brasileira da International Stress Management Association - associação internacional dedicada à pesquisa científica e à prevenção do estresse - observa panorama semelhante em seu consultório em Porto Alegre. "Nas últimas semanas houve acréscimo de 30% na busca por informações sobre o atendimento e de 15% nos novos pacientes por causa da crise", conta.

A maioria dos indivíduos chega na frente do médico com queixas de insônia, irritabilidade, dificuldade de concentração, apatia, cansaço. Na origem dos sintomas estão o medo de perder o emprego, a ansiedade em saber se será possível encontrar um novo trabalho e a continuidade de notícias ruins sobre o País, sem perspectiva de que isso mude a curto prazo. "A crise traz uma situação de alerta a todos, que gera insegurança", explica Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Além disso, o clima atual também pode recrudescer a manifestação da ansiedade e da depressão em pacientes já diagnosticados. "Nesses indivíduos, em tratamento e sabidamente predispostos, o noticiário negativo leva ao agravamento dos sintomas", explica o psiquiatra Márcio Bernik, coordenador do Ambulatório de Ansiedade do Hospital das Clínicas de São Paulo. Não é à toa, portanto, que os pacientes que procuram o psiquiatra Leonardo Gama Filho, do Rio de Janeiro, saem com a recomendação de evitar assistirem aos telejornais.

A associação entre crises e doenças psiquiátricas é algo indiscutível aos olhos da ciência. A última grande lição sobre como uma coisa leva inexoravelmente à outra veio com o crash financeiro no qual os Estados Unidos e a Europa mergulharam em 2008, com consequências ainda desastrosas para muitos países. Nas nações mais fortemente afetadas, como Grécia e Espanha, boa parte da população sofreu pesadamente de ansiedade e pressão. Um levantamento realizado por pesquisadores espanhóis, por exemplo, demonstrou que entre os anos de 2006 e 2010 houve, na Espanha, 19% de aumento no número de casos de transtornos de humor, 8% no atendimento a crises de ansiedade e de 5% de doenças associadas ao abuso de álcool.



Ansiedade e depressão são enfermidades diferentes mas passíveis de serem desencadeadas em tempos complicados. Isso porque são resultado de uma combinação que inclui desde mecanismos desenvolvidos pelos homens ao longo de sua evolução até falhas na construção da resiliência – a capacidade de cada um de resistir às pressões. No caso da ansiedade, trata-se de um estado necessário à sobrevivência. É ela que ajuda o corpo a se preparar para uma situação adversa, ameaçadora. Por isso, vem marcada fisicamente por respostas que deixam o organismo pronto para reagir: aumentam a pressão arterial e o batimento cardíaco e deixam o cérebro em alerta.

O problema é quando esse estado de prontidão não se desarma. Desta forma, a possibilidade de haver um remanejamento na empresa ou de não conseguir pagar a próxima prestação do carro é capaz de acionar de novo e de novo o esquema, trazendo um sofrimento tão grande e tão freqüente que a pessoa tem dificuldade para viver sua vida normalmente. É o que os médicos chamam de ansiedade disfuncional. Ou seja, ela perdeu sua função principal, a de ajudar o corpo a responder, e passou a ser uma doença. Na depressão, a reação é outra.



Duas das marcas da enfermidade são a apatia e a extrema dificuldade de enxergar novas perspectivas, a luz no fim do túnel. Circunstâncias difíceis – como as experimentadas atualmente no Brasil - engrossam o caldo propício à manifestação ou ao agravamento de ambas as características. Um ponto comum no desencadeamento da ansiedade e da depressão é um processo fisiológico que tem por trás o estresse crônico – algo que tende a se acentuar em dias como os atuais. São cada vez mais evidentes as constatações científicas de que submeter a mente ao estresse durante períodos mais extensos promove mudanças no cérebro que deixam as pessoas mais vulneráveis às duas enfermidades. Uma delas é o aumento no surgimento de células produtoras de mielina (bainha que recobre as fibras nervosas) e menor produção de novos neurônios. Isso provoca uma quebra no delicado equilíbrio do sistema de transmissão de informação entre um neurônio e outro, predispondo o cérebro a apresentar falhas em seu funcionamento que podem resultar nas duas enfermidades.

AS LIÇÕES DA EUROPA

A grave crise financeira que atingiu a Europa há 7 anos deixou marcas na saúde mental da população. Confira algumas das constatações científicas



Pesquisadores da Universidade de Amsterdã, na Holanda, analisaram 16 estudos e constataram a clara associação entre crise econômica e aumento do consumo de álcool por homens



Na Finlândia, pesquisa com 1880 empregados poupados em cortes revelou que o nível de estresse entre eles era altíssimo, em especial entre os submetidos a rebaixamento de função



Também na Finlândia, a análise de 33 pesquisas demonstrou sérios efeitos do endividamento sobre a saúde. Indivíduos nestas condições apresentam índices mais altos de depressão e de pensamentos suicidas



Na Itália, levantamento feito entre cerca de 2 mil enfermeiras entre os anos de 2010 e 2011 mostrou que as medidas de contenção adotadas nos hospitais aumentou consideravelmente seus níveis de estresse, levando ao surgimento de sintomas como irritabilidade e insônia



Na Espanha, trabalho registrou, entre 2006 e 2010, aumento de 19% nos casos de distúrbios de humor, de 8% de casos de transtornos de ansiedade e aumento de abuso de álcool da ordem de 5%. O principal fator para o desencadeamento das doenças foi o desemprego

Como não se tratam aqui de questões simples de serem resolvidas, para as quais exista apenas uma saída, o tratamento das duas doenças exige medidas diversas. Do ponto de vista médico, elas incluem o fornecimento de medicação e psicoterapia. Os remédios são os antidepressivos e os ansiolíticos. Os primeiros atuam sobre o sistema de serotonina, umas das substâncias que faz a comunicação entre os neurônios e que está envolvida, entre outras funções, no processamento das emoções. Eles não causam dependência e alguns são indicados também para casos de ansiedade. Já os ansiolíticos impedem a ação do GABA, substância presente no sistema nervoso central que também age na comunicação entre os neurônios.

Desta maneira, reduz a velocidade do funcionamento do sistema, atenuando os efeitos da ansiedade. Alguns podem causar dependência de acordo com a dose e o tempo de uso. Por isso, o ideal é que sejam usados em baixa dosagem e por curto espaço de tempo (entre três e quatro meses).

A opção pelo medicamento é uma atitude que deve obedecer a critérios claros. "Há situações nas quais não é preciso remédio", explica o psiquiatra Miguel Jorge, professor do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). "O momento adequado de indicar um remédio é quando a pessoa está vivendo a situação com sofrimento intenso e/ou quando ela está afetando seu dia a dia", completa.



REMÉDIO Após trabalhar nove anos em uma empresa de telecomunicações, o consultor em planejamento Keldrick Gabriel de Souza, 38 anos, foi demitido por conta do momento econômico. Além da demissão, ele teve de lidar com dois problemas: a prestação e o seguro do carro recém comprado e um empréstimo bancário. “Renegocie o pagamento das dívidas”, diz. Por tudo isso, sofre com a ansiedade. “Comecei a ter insônia constante, dor de barriga e uma sensação de estar fora do meu corpo”, diz. Quando os exames físicos não apontaram nenhum problema, Souza foi encaminhado a um psiquiatra. “Hoje tomo ansiolítico todos os dias.”

É consenso entre os especialistas também que a abordagem psicoterápica é fundamental. “Não é incomum, por exemplo, que uma pessoa que tenha quadro de pânico, mesmo sem crise há dois anos, não consiga ir ao cinema. Esse medo não passa com remédio. É preciso trabalhar a parte psicológica”, explica Miguel Jorge.

A modalidade de terapia mais indicada é a cognitivo-comportamental. Como diz o nome, ela atua nas esferas cognitiva, dos pensamentos, e de suas manifestações comportamentais. O objetivo é ajudar o paciente a identificar pensamentos que estejam associados ao aparecimento de sintomas, encontrar formas de neutralizá-los ou de transformá-los e mudar os comportamentos que normalmente estão a ele vinculados. Na prática, significa, por exemplo, auxiliar um paciente a dar nova avaliação a uma situação que considera ameaçadora. “Muitas vezes a pessoa hiper valoriza os riscos mas não enxerga os recursos que tem para superá-los”, explica a psiquiatra Gisele Gus Manfro, professora do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



O QUE A MEDICINA E A PSICOLOGIA PODEM FAZER POR VOCÊ NESTE MOMENTO

O ideal é a adoção de uma terapia que combine medicação com psicoterapia cognitivo-comportamental (objetiva identificar e mudar pensamentos e comportamentos associados à manifestação dos sintomas)

MEDICAMENTOS

Podem ser receitados:

1 ANTIDEPRESSIVOS

Os mais modernos, como os da classe dos inibidores de recaptação de serotonina (ISRS), equilibram a disponibilidade de substâncias importantes associadas à regulação de humor, entre elas a serotonina

Além de ação sobre a depressão, alguns também são indicados para transtornos de ansiedade

Não causam dependência

No tratamento da depressão, costumam ser usados durante:

6 meses após os sinais de melhora clínica em casos leves

1 ano em casos moderados

2 anos ou mais em casos graves

No tratamento de transtornos ansiosos, durante:

6 meses em casos de Transtorno de ansiedade generalizada (preocupação permanente e excessiva acompanhada por sintomas como irritabilidade e insônia)

Transtorno Obsessivo-Compulsivo - 2 anos

Síndrome do Pânico - 1 ano

2

ANSIOLÍTICOS

Inibem a ação do GABA, substância presente no sistema nervoso central que age na comunicação entre os neurônios

Alguns, como o Rivotril, podem causar dependência dependendo da dose e do tempo de uso

Por isso, o ideal é que sejam usados em baixa dosagem e por curto espaço de tempo (entre 3 e 4 meses)



TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL

Está baseada na crença de que pensamentos e reações comportamentais são fruto das interpretações individuais das situações. Três pessoas podem enxergar a mesma situação de formas distintas

Em geral, são pensamentos automáticos e não temos consciência deles

O paciente é ajudado a identificar os pensamentos associados aos sintomas

É levado a questionar se eles têm realmente fundamento. Será que não conseguirá mesmo fazer aquela tarefa? Que evidências tem de que isso irá acontecer?

Também é estimulado a não dar tanta atenção aos pensamentos negativistas

Quando identificar um pensamento automático, deve prestar atenção em outra coisa

Ao mesmo tempo, são incentivadas mudanças comportamentais. Se está deprimido e não tem mais prazer em comer fora com os amigos, por exemplo, pode aos poucos mudar a situação: convidá-los para ir na sua casa. Se fica ansioso e não consegue dormir, pode alterar gradualmente a rotina de forma que, próximo a hora de se deitar, já esteja mais calmo e desligado das preocupações do dia a dia

Há outros métodos que podem ajudar:

loga e meditação (ajuda principalmente a focar no momento presente, evitando pensamentos sobre o passado e o futuro)

maneiras mais positivas de analisar a questão. “Muitos indivíduos se depreciam, com pensamentos do tipo ‘não sou bom o suficiente para o mercado atual’. Isso potencializa a chance de apresentar ansiedade e estresse”, diz Alessandra Ferreira, especialista em gestão de pessoas e coaching.

Uma das formas de evitar armadilhas como esta é aumentar a resiliência. “Em uma situação na qual muita gente já está perdendo emprego e vai receber o fundo de garantia, o que a pessoa pode fazer? Pode mapear o que tem de melhor e começar uma nova carreira. Um momento terrível pode ser um momento de libertação. A pessoa pode desenvolver uma vocação”, explica a psicóloga Mônica Portella, do Rio de Janeiro.

APOIO Para o psiquiatra Miguel Jorge, deve-se incluir a psicoterapia no tratamento. No consultório da psicóloga Ana Rossi, cresceu a busca por ajuda



Opções como a prática da ioga e da meditação também têm respaldo científico de eficácia. Na Unifesp, há o estudo do mindfulness, prática que, por meio de exercícios de respiração, ajuda as pessoas a voltar a atenção para o presente, reduzindo a ansiedade em relação ao futuro. “Na rotina de trabalho agitada, as pessoas focam a atenção nas expectativas, no futuro, e não o que fazer no momento presente”, explica a psicóloga Isabel Weiss, pesquisadora da instituição paulista.

Uma ampla análise feita pela Organização Mundial de Saúde a respeito do impacto da crise europeia sobre a saúde mental apontou que medidas sociais também são importantes para amenizar os efeitos. Entre elas estão a instalação de programas de assistência a desempregados, de apoio às famílias com portadores de ansiedade e depressão e serviços que ajudem na renegociação de dívidas. Além disso, a entidade sugere o aumento no preço das bebidas alcoólicas.

CILENE PEREIRA e FABÍOLA PEREZ são Jornalistas e escrevem periodicamente para esta publicação. Fotos: Gustavo Luz, João Castellano/Istoé; Thiago Bernardes/Frame, Gabriel Chiarastelli; Marcos Nagelstein. **Revista ISTO É, Abril de 2015.**

Prisão fora dos muros, uma solução esquecida (SARAH PERRUSSEL e LEAH DUCRÉ)

Na França, há quinze anos o cumprimento externo da pena permite que condenados em final de sentença vivam e trabalhem fora da prisão. Sem suspender a condição de detento, ele prepara o regresso à liberdade.



"A GENTE sai do xadrez e é atirado na rua, no frio, na hora que eles bem entendem!" Rachid reclama por princípio,¹ porque prefere estar aqui a estar na prisão. São 8 horas da manhã. Na noite anterior, a temperatura caiu abaixo de 0 °C na pequena comuna de Saint-Hilaire, a poucos quilômetros de Grenoble. Armados com pás e rastelos, Karim e os outros detentos ligados à iniciativa Solid'Action tiram a neve das proximidades de uma escola. Enfrentando o gelo, eles voltam a se confrontar com as exigências do mundo do trabalho. Alguns meses antes, viviam atrás das grades. Hoje, esses marcados pela vida contam com o "cumprimento externo da pena". Essa alternativa francesa ao confinamento permite que os detentos completem sua sentença em regime aberto. Supervisionados por associações, prisioneiros de longa data ou pequenos infratores que vêm de uma curta passagem na prisão tomam o caminho da reintegração ou, para alguns, da integração.

A lei sobre prevenção da reincidência e individualização das sentenças, aprovada pelo Parlamento em 17 de julho de 2014, apresenta esse dispositivo como parte da "liberdade supervisionada após cumprimento de dois terços da pena". Mas como ter certeza de que, apesar de valorizado no texto da lei, ele não será esquecido na prática ou negligenciado em favor da pulseira eletrônica? Existente na França desde 1970, o cumprimento externo da pena é reconhecido em termos de integração há quinze anos, mas só atinge um pequeno número de detentos. Em 2013, apenas 664 pessoas ficaram sob a responsabilidade de associações.² Na última década, a participação dessa medida no abrandamento de penas só caiu, passando de 11% em 2005 para menos de 5% em 2013.³

A administração francesa não dispõe de dados estatísticos.⁴ Enquanto a pulseira eletrônica é alvo de alguns estudos, a ausência de pesquisas qualitativas sobre o cumprimento externo da pena torna muito subjetiva a avaliação de sua eficácia. Optar por esse dispositivo também é uma escolha ética e filosófica. "É necessário repensar a punição para que ela permita reintegrar o condenado à comunidade", avalia Pierre-Victor Tournier, diretor de pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) da França. O especialista em demografia penal lamenta que a prisão ainda seja o foco do sistema no país. No inconsciente coletivo, o encarceramento continua sendo a pena de referência. O cumprimento externo pode ser visto como outro nome para o acesso à liberdade, a pérola das políticas laxistas. A realidade é bem diferente. "Isto está longe de ser um acampamento de férias!", exclama Jean-Yves Balestas, presidente da Arépi, uma associação de inserção social da comuna de Dauphin. A juíza Céline Rocco concorda: "O cumprimento externo da pena é mais restritivo do que ficar em uma cela na frente da televisão, mas também é uma maneira mais inteligente de cumprir a pena".

Ao contrário da crença popular, o cumprimento externo da pena é mais barato que uma vaga na prisão. A administração penitenciária paga entre 20 e 40 euros por dia, por pessoa, à associação que se encarrega dos detentos, ao passo que o encarceramento custa cerca de 95 euros. O elevado número de guardas nas prisões explica em grande parte a diferença. A economia para o governo também resulta do fato de que ele não cobre todas as despesas das associações: alojamento, refeições, acompanhamento social, assistência na procura de emprego, atividades culturais ou de formação. Balestas estima que cada residente custa em média 70 euros por dia. A administração penitenciária repassa apenas 35

euros.⁵ Para cobrir o restante, a Arépi e as cinquenta associações de cumprimento externo da pena existentes na França precisam procurar contratos com as coletividades regionais ou com empresas.

É um verdadeiro desafio. São raras as instituições dispostas a trabalhar com pessoas sob custódia judicial. E isso mesmo com os contratos permitindo financiar parte do sistema, pois os condenados repassam entre 20% e 40% de sua renda à associação que os acolhe e lhes oferece trabalho. Como os salários dos condenados variam entre 400 e 1.100 euros líquidos, o montante que lhes resta depois de pagar esses custos é modesto.

Já as associações, para cobrir suas despesas, estão constantemente em busca de outras subvenções junto ao governo ou às coletividades: metrópole, conselho geral, departamento ou direção de coesão social. A maioria das associações que pratica o cumprimento externo de pena enfrenta uma grande precariedade. Por que o governo não dá mais apoio? Anne Chemithe, membro do Serviço Penitenciário de Inserção e Condicional (SPIP, na sigla em francês) de Isère, explica: “De acordo com as regras orçamentárias, o governo compromete-se a cobrir apenas os custos adicionais vinculados à sentença de prisão: a vigilância e o reforço da segurança”. O acompanhamento social, a assistência, a moradia e o trabalho não estão incluídos nesse orçamento.

Virar-se para o futuro

A prisão trancafia o detento em seu passado; o cumprimento externo da pena ajuda a preparar seu futuro. “Sem a Solid’Action eu ainda estaria na prisão. Teria voltado a fazer besteira para poder comer, para ter onde morar”, diz Jérémy, que já cumpriu sua pena. Aos 27 anos, sua situação financeira ainda é frágil, e ele sabe que a qualquer momento pode se ver obrigado a voltar para a rua. “O que me deixa estressado é a dívida. Ainda tenho de compensar as partes civis, durante seis anos.” Então, para não colocar tudo a perder novamente, ele volta à Solid’Action com frequência para encontrar trabalho e moradia. Tanto as refeições como os quartos são coletivos. Jérémy nem sempre consegue a privacidade com que sonha, mas sabe que pode contar com essa estrutura em caso de dificuldade.

Entre os dispositivos penais existentes, o cumprimento externo da pena é o que oferece o suporte mais abrangente. Apesar dessa qualidade, é o menos utilizado. Em 2013, as pessoas que usavam pulseiras eletrônicas eram quinze vezes mais numerosas que os detentos em cumprimento externo da pena.⁶ Para a administração penitenciária, a vigilância eletrônica tem duas vantagens principais: custa muito mais barato (10 euros por dia, por pessoa) e é mais simples de pôr em prática. Mas não se ajusta a muitas situações.⁷ O uso de pulseira eletrônica implica retornar ao domicílio, o que nem sempre é possível. Para Jérémy, voltar a viver com os pais seria impensável.

A Solid’Action dá uma solução para esse problema. Lá, ele também encontrou um ambiente afetivo que o impede de voltar a se meter em confusão e retornar ao ciclo da reincidência. Além disso, para poder usar a pulseira eletrônica, o detento precisa apresentar um projeto profissional, mas muitos não conseguem fazê-lo, por falta de formação, experiência ou referências. Não é fácil encontrar trabalho depois da prisão. Para essas pessoas, e também para aquelas que o vício ou as más influências as impedem de se reintegrar, o cumprimento externo da pena costuma ser o melhor dispositivo penal possível para o abrandamento da sentença.

Somente a falta de recursos financeiros não justifica o fraco desenvolvimento dessa pena alternativa. Frequentemente, o número de casos concedidos é inferior ao que prevê o orçamento da administração penitenciária. Outros obstáculos estão envolvidos, como a falta de informação entre as instituições ou o receio pessoal dos envolvidos na decisão de instaurar um cumprimento externo de pena. A política de abrandamento da pena em um departamento se assenta na parceria entre o diretor do Serviço Penitenciário de Inserção e Condicional e o juiz de aplicação de pena (JAP).⁸ E ambos podem relutar quanto à alternativa de cumprimento externo da pena: o SPIP alega a insuficiência de recursos humanos para aplicá-la, ao passo que o JAP considera os riscos que o detento representa para a sociedade.

Em caso de um incidente grave, a responsabilidade é do juiz, por isso ele pode se mostrar resistente ou exigir fortes garantias antes de optar pelo dispositivo.⁹ A lógica da segurança geralmente prevalece sobre a da reinserção. Além disso, os JAP muitas vezes desconhecem as práticas das associações de integração. Quando assume plenamente seu papel de intermediário, o SPIP permite estabelecer uma relação de confiança e favorece a ousadia nas decisões sobre o dispositivo de abrandamento de pena. É o caso de Grenoble, onde a juíza Roccaro conduz uma política voluntarista. Ela explica que se “tranquilizou” conhecendo bem as associações e o serviço de inserção de Isère.

O Serviço Penitenciário de Inserção e Condicional tem mais um compromisso: fazer as associações locais conhecerem o dispositivo. O processo é ainda mais difícil pelo fato de os conselheiros de condicional trabalharem sempre com menos pessoal que o necessário. Em 2011, diante da queda de seu crédito, os SPIPs de Eure e Sena Marítimo decidiram não mais indicar casos para cumprimento externo da pena.¹⁰ A administração penitenciária previu o financiamento de novos projetos; no entanto, só colocou no orçamento a compensação das associações, mas nenhum dinheiro suplementar para aumentar o número de conselheiros do SPIP...

Engajamento necessário

Essa falta de recursos, aliás, acaba tendo de ser compensada pelo compromisso forçado do terceiro elemento-chave da relação: as associações. Muitas vezes, é pela convicção pessoal que os diretores dessas estruturas voltam-se ao cumprimento externo de pena. “Minha preocupação é reinserir as pessoas na vida em sociedade, quando tudo foi feito para excluí-la. Também acho que é essencial retirar os mais fracos da desumanidade da prisão por alguns meses”, diz o

responsável pela Solid'Action, Alain Poncet-Montange. Em algumas regiões, o tripé institucional funciona muito mal. Na Borgonha, por exemplo, as associações que abrigam o cumprimento externo de pena ficaram bastante desanimadas em 2012: "De maneira geral, o sentimento é de que a justiça é um parceiro complexo (até problemático), sobretudo pelo tempo consumido em procedimentos e pelo risco de decisões inesperadas que desarranjam tudo o que foi preparado".¹¹

De voz rouca e ombros curvados, Frédéric carrega consigo o passado na prisão. Após onze anos encarcerado, ele experimentou dois anos de cumprimento externo da pena. Ciente das desvantagens e das vantagens do dispositivo, ele se sente feliz de ter podido receber uma "lufada de ar fresco" antes de sair: "O cumprimento externo da pena me ajudou muito a reencontrar a realidade", declara. "Consegui me adaptar às mudanças da sociedade: celular, internet e tudo o mais." Mas Frédéric provavelmente não voltará a ver a associação que o apoiou. Os militantes das associações seguem em frente sem agradecimentos. Eles estão acostumados. Em todos os níveis, aprenderam a trabalhar sem esperar reconhecimento. Sua abnegação continua sendo a pedra angular do sistema. Como em muitas outras áreas, é ela que compensa o recuo do Estado.

REFERÊNCIAS:

- 1 O nome dos condenados foi alterado.
- 2 Pierre-Victor Tournier, "Nouvelles séries pénales temporelles actualisées au 1er décembre 2013" [Novas séries penais temporais atualizadas em 1º de dezembro de 2013], relatório do Observatório das Prisões e Locais de Detenção ou Restrição das Liberdades, 2013.
- 3 Direção da Administração Penitenciária, "Les chiffres clés de l'administration pénitentiaire au 1er janvier 2013" [Principais números da administração penitenciária em 1º de janeiro de 2013], Paris, jul. 2013.
- 4 Kensey Annie e Abdelmalick Benaouda, "Les risques de récidive des sortants de prison, une nouvelle évaluation" [Os riscos de reincidência dos egressos da prisão, uma nova avaliação], Direção da Administração Penitenciária, *Cahiers d'études pénitentiaires et criminologiques*, n.36, Paris, maio 2011.
- 5 Hajman Elsa, "Le placement à l'extérieur, un aménagement de peine à développer" [Cumprimento externo da pena, um dispositivo penal a ser desenvolvido]. Disponível em: .
- 6 Pierre-Victor Tournier, "Nouvelles séries pénales...", op. cit.
- 7 Pierre-Victor Tournier, "Le placement sous surveillance électronique, est-ce que ça marche?" [O monitoramento eletrônico funciona?], Observatório da Criminalidade e Respostas Penais, Éditions du CNRS, nov. 2010.
- 8 FNARS Borgonha, "Placement extérieur" [Cumprimento externo da pena], 2012.
- 9 Mouhana Christian, "Les relations entre monde judiciaire et administration pénitentiaire" [A relação entre o mundo judicial e a administração penitenciária], *Questions pénales*, XXV/2, Centro de Investigação Sociológica em Direito e Instituições Penais, maio 2012.
- 10 Correspondência do SPIP de Eure à associação Saint-Paul de Rouen, 4 abr. 2011; correspondência do SPIP de Sena Marítimo à associação Saint-Paul de Rouen, 31 mar. 2011.
- 11 Estudo de acompanhamento de pessoas sob custódia judicial acolhidas nas associações da rede FNARS

SARAH PERRUSSEL e LEAH DUCRÉ são estudantes de jornalismo. Ilustração: Gabriel K. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL**, Abril de 2015.

Contra a corrupção! (GREGORIO DUVIVIER)

"CHEGA. Não quero nunca mais tocar neste assunto de petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia - mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão 'Governo Brasileiro'!".

Em 1936, Monteiro Lobato escrevia "O Escândalo do Petróleo", em que denunciava a corrupção do Serviço Geológico Nacional - quase 20 anos antes da criação da Petrobras. Foi preso e sua prisão o levou à falência, da qual nunca se recuperou. Morreu aos 66 anos. Nos anos 90 foi a vez de Paulo Francis denunciar a corrupção da estatal e morrer afundado em dívidas decorrentes do processo.

"Para acabar com a corrupção é preciso varrer o PT do país", disse Aécio Neves (PSDB), que pelo visto acredita piamente na idoneidade do PP, do PR, do DEM, do PMDB. Um dos problemas da oposição é que ela superestima o PT. O PT não inventou nem o Bolsa Família (salve Cristovam Buarque), principal bandeira do partido - imagina se teria inventividade para inaugurar a corrupção.

Bradar contra a corrupção é a forma mais rápida de se eleger no país. Foi essa bandeira que elegeu, entre outros, Fernando Collor de Mello - o "caçador de marajás". Collor não tinha história nem ideologia, tinha só a fama - bancada pelos principais meios de comunicação - de guardião da moralidade.

Desconfio de qualquer pessoa que se diga contra a corrupção. A razão é uma só: ninguém é abertamente a favor da corrupção, logo não faz sentido protestar contra ela. Um protesto sem oposição é um protesto chapa-branca, porque não atinge ninguém diretamente. É como protestar contra o câncer. "Abaixo o carcinoma!" O câncer não tem bancada no Congresso. Protestar contra ele não vai ofender ninguém. É preciso atacar o amianto, o glutamato monossódico, os agrotóxicos e as tantas substâncias cancerígenas defendidas por muita gente e consumidas por todos nós.

A corrupção no Brasil é permitida e incentivada pela lei - e a lei não deve mudar tão cedo. Quem poderia mudar a legislação é quem mais lucra com ela. Não é de se espantar que Eduardo Cunha (PMDB) - o homem-amianto -, que arrecadou (declaradamente) milhões de mineradoras, faça tudo para impedir um novo código da mineração e o fim do financiamento privado de campanha. Enquanto os políticos forem eleitos por empresas, vão continuar governando para elas.

GREGORIO DUVIVIER, 28, ator e escritor, é um dos fundadores do portal de humor Porta dos Fundos e colunista da Folha. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

Pela desmilitarização de todas as militâncias (FERNANDO GROSTEIN ANDRADE)

SÃO necessários pragmatismo e suprapartidarismo para corrigir a injustiça no Brasil e construir uma nova cultura de transparência pública. Em um set de filmagem, quando as coisas dão errado e o Sol está caindo, uma coisa é certa: não adianta brigar e procurar culpados. É preciso resolver. A dinâmica da disputa PT vs. PSDB tem um efeito colateral perigoso, uma lógica onde tudo que é do outro não presta e tudo o que presta "fui eu quem fez".

O contexto brasileiro, apesar de complexo, tem uma certeza: o Brasil é um país injusto. No regime de injustiça, os fins justificam os meios em vez de qualificar os fins. Tudo bem, então, não declarar um bem ou participar de um suborno para trabalhar ou economizar? Esse dilema transborda a ponto de impedir o florescimento dos nossos "heróis". No Brasil, parece que se alguém deu certo, trapaceou. Muitos donos de empresa já sofreram achesques de fiscais corruptos. Aqui já teve confisco e seu fiasco e uma ditadura militar pavorosa.

Como não enxergar os reflexos do crime hediondo cometido no Brasil que foi a escravidão dos negros e índios? Basta uma volta em um presídio para registrar a consequência disso nas gerações seguintes. Em uma sociedade que busca defender a meritocracia, mas não consegue enxergar sua injustiça, como cresce, nasce e adquire um futuro quem não foi cuidado por ninguém, pelo pai, pela mãe ou pelo Estado? E quantas vezes já não vimos o filme da injustiça no Brasil e isso não é usado para justificar um pequeno delito, como legítima defesa. Quando a dita "legítima defesa" se torna, de fato, bandidagem?

O mundo de hoje pede líderes e processos focados em resultados práticos para a sociedade. Pede transparência e uma boa auditoria do dinheiro dos seus impostos. Para tanto, é necessário não colocar tudo numa cesta só. O sujeito que anda pelo acostamento num engarrafamento e o que desviou bilhões de reais em dinheiro público não cometeram o mesmo delito. Nem todos os políticos são iguais. Colocar todos no mesmo balaio só interessa a quem quer conservar o atraso e aumentar o descolamento cada vez maior dos políticos com a sociedade. A maioria está no Congresso por saber usar uma certa estrutura de comunicação e recursos, mas não necessariamente pelos resultados entregues à sociedade.

Os líderes políticos precisam abandonar o discurso de guerra, pois numa guerra a primeira vítima é a verdade e, com a conectividade da internet, existe mais de uma verdade cada dia mais acessível a cada um dos brasileiros. É necessário um novo pacto nacional. O discurso de guerra precisa dar espaço a posturas de estadistas, como quando Churchill deu a mão a Stálin para combater Hitler. São necessários pragmatismo e suprapartidarismo em determinadas pautas para corrigir a injustiça no Brasil: desconstrução da cultura da corrupção e construção de uma nova cultura de transparência, fim da guerra às drogas combinada com a reabilitação de detentos.

Finalmente, fornecer educação de qualidade acessível a todos os jovens brasileiros e regras justas, duradouras e claras para todos que querem trabalhar e empreender. É preciso construir uma resposta inteligente ao abismo entre a sociedade e a política. Mais do que nunca há espaço para novas formas criativas de comunicação.

FERNANDO GROSTEIN ANDRADE, 34, sócio-fundador da produtora Spray Filmes, é diretor de "Quebrando o Tabu", "Na Quebrada", entre outros filmes. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

Ajuda no lugar de acusação (ROSELY SAYÃO)

HOJE faço um pedido às mães e aos pais que têm filhos pequenos que frequentam escola, e aos professores e outros profissionais que trabalham em educação infantil. Mas, antes, faço um convite. Vamos passear um pouco pelo universo da criança de menos de seis anos para buscar um olhar mais sensível e empático com algumas das atitudes que costumam ocorrer nessa idade.

Até os três anos a criança morde. E ela não morde porque é agressiva, porque não tem limites, porque é mimada ou coisas do gênero. Ela morde por razões diferentes. O nascimento dos dentes permite que o bebê, pela primeira vez, consiga atuar no meio que o acolhe. Os dentes são o instrumento que permitem que ele seja ativo e participante no mundo. É por isso que as mordidas nos seios das mães que amamentam são frequentes. É uma maneira de o bebê fazer contato com ela!

Busca de contato: essa é uma das maiores razões das mordidas. A criança, que usa a boca para explorar e conhecer o mundo, morde porque gostaria de beijar, morde porque gostaria de ter só para si - engolir é se apossar -, morde para se comunicar. Mas a criança morde também porque é contrariada, quando quer algo para si e o objeto está com outra criança ou se quer estar próxima de um colega que prefere brincar sozinho ou longe dela. Mas essa reação não significa

agressividade. É uma reação igual à que qualquer pessoa tem nas mesmas condições, apenas adaptada às possibilidades de sua idade.

É aos poucos que ela aprende que deve conter essa atitude, ou trocar por outra, mas esse aprendizado não costuma acontecer plenamente antes dos três anos. A criança um pouco maior empurra colegas, bate neles, briga, corre de um lado para outro e, assim, machuca outras crianças. Mas isso não significa, também, agressividade no mau sentido. Sim: há a boa agressividade, que é a que nos faz resistir e agir no mundo, não é? E é exercitando sua agressividade plenamente que a criança aprende a difícil arte da convivência interpessoal.

Muitas vezes, a criança agride porque não consegue encontrar palavras para expressar o que gostaria, então usa seu corpo para se manifestar. Outras vezes, a criança, como a menor que morde, apenas busca contato de um jeito destrambelhado. E outras, ainda, bate porque foi sutilmente provocada. Também é aos poucos que a criança aprende - se bem ensinada - que bater, empurrar, maltratar com seu corpo outra criança não é uma boa maneira de se comunicar com ela. O acesso à linguagem permite que expresse em palavras o que sente.

Há crianças que batem mais, que mordem mais? Sim, há crianças com maior energia vital, que se expressam dessa maneira. Mas isso não as torna agressivas. Volto agora ao meu pedido: se seu filho chegar em casa com marcas de mordida, não precisa se desesperar. Ou se seu filho morde outra criança, não precisa se envergonhar. Se seu filho bate ou apanha, resista à tentação de se meter. Em geral, eles se resolvem. Aos professores, peço que, ao avisar os pais que o filho foi mordido ou apanhou, não digam quem foi o autor do ato. Isso não ajuda em nada.

Não culpe a criança que morde ou bate. Não reclame dela para a escola, para os pais dela ou para os outros pais. Compreenda o comportamento da criança em vez de acusá-la. Precisamos parar de julgar as crianças pequenas. Elas precisam de nossa ajuda, não de nossa acusação.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

O novo abuso de criança (CONTARDO CALLIGARIS)

DESDE o fim do século 18 (pouco mais de 200 anos), nossa cultura idealiza a infância. Pretendemos que seja uma época especial e maravilhosa da vida, ou seja, queremos que as crianças mostrem para a gente que elas estão "felizes", despreocupadas, lépidas e faceiras.

As crianças, até então, eram que nem adultos - só que, infelizmente, ainda pequenos e incompletos. Seu maior, se não único, dever não era se divertir, mas crescer quanto mais rápido possível. Graças a essa mudança cultural, as crianças ganharam cuidados e proteção (por exemplo, elas não puderam mais trabalhar como os aprendizes da era pré-moderna), mas também perderam autonomia e, literalmente, elas se infantilizaram: tornaram-se entediadas, para nós e para elas mesmas.

Nas últimas décadas do século passado, a idealização da infância se tornou mais forte e mais perniciosa do que nunca. Sobretudo a partir dos anos 70, os adultos parecem invejar e imitar as crianças, enquanto as crianças, em vez de sentirem-se encorajadas a crescer, sentem-se instigadas a permanecer para sempre como caricaturas de si mesmas. O que aconteceu? Só encontro uma explicação razoável: no fim do século passado, em muitos países do mundo ocidental, tornou-se possível e relativamente fácil se divorciar.

Hoje, nos EUA, calcula-se que 50% dos casamentos terminem em divórcio (41% dos primeiros casamentos, e 60% dos segundos). Desses 50% de casais divorciados, 40% têm filhos. Consequência, a partir dos anos 70, surgiu um tipo de afeto inédito até então: a competição dos pais divorciados pelo amor dos filhos. Fazer a "felicidade" dos filhos, além de ser o "dever" cultural de todos, passou a ser também o jeito para ser "preferido" ao outro cônjuge.

De repente, um dos pais manda os filhos escovar os dentes e passar fio dental, enquanto, na casa do outro, eles comem chocolate antes de dormir. Um dos pais verifica que os filhos tenham feito o dever de casa; o outro os leva de férias no meio do ano escolar porque quer ver os filhos se divertirem. Enfim, incapazes de manter um projeto comum de educação, rivalizando pelo amor dos filhos, muitos pais divorciados só tentam seduzir os rebentos. Sua mãe cuida de sua alimentação? Vem para cá, que a gente come só porcaria, o dia inteiro. Sua mãe verifica que você leia? Vem para cá, que a gente só passeia no shopping.

A criança que deveria ser educada foi substituída pela criança que deve ser seduzida - à força de promessas, concessões, permissivismo e, em última instância, pela desistência educativa dos pais. Aparentemente, essa nova figura, a da criança que precisa ser seduzida, ganhou a preferência dos pais, divorciados ou não. Terminou o tempo em que a criança se esforçava para ganhar a apreciação dos adultos, e começou o tempo em que os adultos se esforçam para ganhar o amor das crianças. Sumiu assim o incentivo para a criança crescer, enquanto "voltar a ser criança" parece ser o grande desejo dos adultos de férias.

Nasceu assim um novo tipo de abuso, muito mais grave do que a palmatória do passado: um abuso psíquico, no qual o que os adultos oferecem como perspectiva para a vida de uma criança é a própria infância. Respondendo a alguns leitores, sobre a coluna da semana passada, que tratava da maioria penal:

1) Acredito, sim, que as crianças deveriam ganhar de volta sua responsabilidade penal. Não é preciso estipular a partir de que idade: cada caso é um caso. Um júri ou um juiz podem decidir quem é imputável e quando.

Um leitor, Luciano Godoi, me mandou uma notícia recente: a Polícia Militar de Cascavel, Paraná, apreendeu dois adolescentes suspeitos de tentarem assassinar os seus pais. Os irmãos, de 14 e 17 anos, acrescentavam o veneno à comida dos pais; parece que eles queriam mais liberdade para sair e achavam que, uma vez órfãos, morando com os avós, eles a teriam. Minha posição seria: que um juiz ou um júri decidam se o menino de 17 e a menina de 14 devem ser julgados como adultos ou não.

2) A ideia de que a redução da maioria penal seja um instrumento de dominação de classe é um estranho disparate. Alguém acredita que a delinquência seja um efeito da pobreza? Parece coisa de romance ruim do século 19, em que a miséria acarretava degenerescência moral. As catástrofes morais não têm a ver com a pobreza; elas têm a ver com os ideais que nós mesmos promovemos, como o da infância, se não da infantilidade.

CONTARDO CALLIGARIS é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

Das cavernas às redes sociais, a vida em grupo só piora (LUIZ FELIPE PONDÉ)

APESAR das inúmeras utopias sociais e políticas fracassadas desde a obra do filósofo Jean-Jacques Rousseau (século 18), que abre o surto utópico com a noção de "natureza perfeita", passando por autores como Marx (século 19) e chegando ao movimento hippie no século 20, o fato é que o mercado de ideias sobre o que fazer para vivermos juntos só vai aumentar, justamente porque a vida em conjunto é cada vez pior.

Muitos dos convidados para o ciclo Fronteiras do Pensamento São Paulo 2015 são especialistas em algumas dessas dificuldades. O viver juntos parece funcionar melhor quando o que está em jogo é a partilha de ferramentas para a resolução de problemas, como no caso da Wikipedia, cofundada pelo empreendedor americano Jimmy Wales, um dos convidados.

As dificuldades contemporâneas para uma vida compartilhada emergem de variadas fontes. Partindo do individualismo burguês, pautado pela lógica da eficácia em detrimento de noções como vínculo afetivo e moral, objeto de reflexão do filósofo espanhol Fernando Savater, passando pela violência vulcânica das redes sociais, essa masmorra virtual, e chegando aos dramas narcisistas vividos embaixo dos lençóis, as dificuldades formam um labirinto interminável de problemas e de teorias sobre esses problemas.

Mesmo no terreno das relações entre homens e mulheres, a ambivalência dos avanços é seguida pelo surgimento de efeitos colaterais nefastos. A expectativa das mulheres emancipadas de que seus homens sejam "meninas", pensando e sentindo como elas, tem sido objeto de atenção da ensaísta Camille Paglia há anos. Já autores como o biólogo evolucionista Richard Dawkins, que também virá a São Paulo, pensam que a herança iluminista permanece sendo a melhor solução, pois troca as certezas intolerantes das religiões pelo conhecimento partilhado da ciência.

A seu favor está o gigantesco avanço do mundo tecnocientífico, mas contra ele surge o fato de que a ciência está longe de fornecer parâmetros morais claros para o convívio humano, como bem mostrou o século 20. Uma das maiores dificuldades para a vida contemporânea estaria na estúpida fé do homem em sua suposta superioridade moral em relação à experiência animal total na Terra. Essa constatação do "ruído dos homens" em oposição ao "silêncio dos animais" (título de sua recente obra) leva John Gray, filósofo britânico trágico, a fazer a crítica da empáfia técnica e material contemporânea.

Das cavernas às redes sociais, o viver juntos não parece ter melhorado muito, principalmente quando falamos de bilhões de humanos ruidosos.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015 (Caderno Especial – "Como viver juntos).**